



# COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA.

ISSN: 2236-8000

v.20, n.1, p. 183-198, jan.-jun. 2025

DOI: <https://doi.org/10.5016/wtc2zg08>

## **Mídia e Inclusão: O impacto do entorno midiático na experiência acadêmica de estudantes autistas no ensino superior**

*Medios de comunicación e inclusión: el impacto del entorno mediático en la experiencia académica de los estudiantes autistas en la educación superior.*

*Media and Inclusion: The impact of the media environment on the academic experience of autistic students in higher education.*

**Claudia MIALICHI**

Mestranda em Mídia e Tecnologia pela FAAC/UNESP;  
Bauru. E-mail: [claudia.mialichi@unesp.br](mailto:claudia.mialichi@unesp.br)

**Jaqueline Costa Castilho MOREIRA**

Assistente Doutora na Faculdade de Ciências e Tecnologia, coordenadora do curso de Educação Física da UNESP de Presidente Prudente; Mestra em Ciência da Motricidade pela Universidade Júlio de Mesquita Filho- UNESP/Araraquara. E-mail: [jaqueline.castilho@unesp.br](mailto:jaqueline.castilho@unesp.br)

Enviado em: 20 fev. 2025

Aceito em: 25 jul. 2025

**RESUMO**

O estudo analisa o impacto do entorno midiático na experiência acadêmica de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino superior. A pesquisa, de natureza qualitativa, baseia-se em uma revisão bibliográfica sistematizada realizada na base de dados Scopus, contemplando publicações de 2010 a 2023. O objetivo é identificar de que modo tecnologias digitais, plataformas de ensino e redes de interação online influenciam processos de inclusão, permanência e aprendizagem desse público. Os resultados indicam que, embora o uso planejado de recursos digitais potencialize acessibilidade, autonomia e participação, barreiras institucionais, comunicacionais e sensoriais ainda comprometem a inclusão plena. O estudo propõe práticas pedagógicas alinhadas ao paradigma da neurodiversidade e políticas institucionais integradas para promover ambientes acadêmicos mais inclusivos.

**Palavras-chave:** *Autismo; Ensino superior; Tecnologias digitais.*

**RESUMEN**

Este estudio analiza el impacto del entorno mediático en la experiencia académica de estudiantes con Trastorno del Espectro Autista (TEA) en educación superior. La investigación cualitativa se basa en una revisión sistemática de la literatura realizada en la base de datos Scopus, que abarca publicaciones de 2010 a 2023. El objetivo es identificar cómo las tecnologías digitales, las plataformas de enseñanza y las redes de interacción en línea influyen en la inclusión, la retención y los procesos de aprendizaje de esta población. Los resultados indican que, si bien el uso planificado de recursos digitales mejora la accesibilidad, la autonomía y la participación, las barreras institucionales, comunicacionales y sensoriales aún comprometen la plena inclusión. El estudio propone prácticas pedagógicas alineadas con el paradigma de la neurodiversidad y políticas institucionales integradas para promover entornos académicos más inclusivos.

**Palabras-clave:** *Autismo; Educación superior; Tecnologías digitales.*

**ABSTRACT**

This study analyzes the impact of the media environment on the academic experience of students with Autism Spectrum Disorder (ASD) in higher education. The qualitative research is based on a systematic literature review conducted in the Scopus database, covering publications from 2010 to 2023. The objective is to identify how digital technologies, teaching platforms, and online interaction networks influence the inclusion, retention, and learning processes of this population. The results indicate that, although the planned use of digital resources enhances accessibility, autonomy, and participation, institutional, communicational, and sensory barriers still compromise full inclusion. The study proposes pedagogical practices aligned with the neurodiversity paradigm and integrated institutional policies to promote more inclusive academic environments.

**Keywords:** *Autism; Higher education; Digital technologies.*

## Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por déficits persistentes na comunicação social e por padrões restritivos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, manifestando-se desde a infância e variando amplamente em termos de intensidade e impacto funcional (American Psychiatric Association, 2013). Essa variabilidade individual confere ao espectro autista uma complexidade clínica e pedagógica que desafia os modelos educacionais tradicionais, especialmente no contexto do ensino superior.

A perspectiva da neurodiversidade, introduzida por autores como Singer (1999) e difundida por movimentos sociais liderados por pessoas autistas, propõe uma compreensão alternativa ao paradigma biomédico. Em vez de tratar o autismo como uma patologia a ser corrigida, essa abordagem reconhece as diferenças neurológicas como parte natural da diversidade humana. Essa concepção tem repercussões significativas para a educação inclusiva, ao deslocar o foco da adaptação individual para a transformação dos ambientes educacionais, tornando-os mais acessíveis, responsivos e equitativos (Baron-Cohen, 2000; Bosa & Caçola, 2016).

Nas últimas décadas, o acesso de estudantes com TEA ao ensino superior tem aumentado, impulsionado por políticas públicas de inclusão e pela ampliação da consciência social sobre os direitos das pessoas com deficiência. No entanto, esse avanço quantitativo não tem sido acompanhado por mudanças estruturais suficientemente profundas para garantir a permanência e o sucesso acadêmico desses estudantes (Bertollo & Bosa, 2017). Entre os principais desafios enfrentados estão a rigidez dos currículos, a falta de preparo docente para lidar com a neurodiversidade, a sobrecarga sensorial dos ambientes universitários e a escassez de apoios institucionais personalizados (Silva & Andrade, 2021).

Nesse cenário, torna-se essencial repensar as práticas pedagógicas à luz da pluralidade de formas de aprender, comunicar e interagir trazidas pelos estudantes autistas. A construção de uma universidade verdadeiramente inclusiva exige uma mudança de paradigma: de uma lógica centrada na normalização para uma lógica centrada na valorização das diferenças. O presente artigo parte dessa premissa para discutir o papel do entorno midiático entendido como o conjunto de tecnologias digitais, plataformas de ensino e redes de interação online na experiência acadêmica de estudantes com TEA. O objetivo é analisar, à luz da literatura

científica, como as mídias digitais podem contribuir ou dificultar os processos de inclusão, participação e aprendizagem no ensino superior.

## **A inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Superior**

A inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino superior representa um desafio e, ao mesmo tempo, uma oportunidade para repensar práticas educacionais e políticas institucionais. Segundo a Organização Mundial da Saúde (2018), uma em cada 100 crianças apresenta TEA, o que indica que a presença de jovens autistas nas universidades tende a crescer. No entanto, dados sobre permanência, sucesso acadêmico e empregabilidade após a graduação ainda revelam cenários de exclusão e barreiras estruturais (Bertollo & Bosa, 2017).

A crescente digitalização do ensino, especialmente impulsionada pela pandemia de COVID-19, ampliou a presença do entorno midiático um conjunto de plataformas digitais, redes sociais, tecnologias assistivas e ambientes virtuais que mediam a experiência educacional (Lemos, 2010; Kenski, 2012). Esses ambientes podem tanto potencializar a inclusão, ao oferecer recursos acessíveis e personalizados, quanto acentuar desigualdades, caso não sejam pensados com foco na diversidade.

A compreensão da experiência acadêmica de estudantes autistas no ensino superior requer uma abordagem que vá além da adaptação pontual de recursos. É necessário adotar o paradigma da neurodiversidade, que reconhece o autismo não como uma deficiência a ser corrigida, mas como uma variação natural do funcionamento neurológico humano (Singer, 1999; Bosa & Caçola, 2016). Essa perspectiva desloca o foco da intervenção clínica para a transformação dos contextos sociais e educacionais, exigindo práticas pedagógicas que respeitem a singularidade e a autenticidade das formas de ser e aprender desses estudantes.

Nesse sentido, a inclusão deve ser compreendida como um processo contínuo de construção de pertencimento e não apenas como o cumprimento de normas legais. A efetivação da inclusão no ensino superior pressupõe o reconhecimento das barreiras estruturais, atitudinais e comunicacionais que limitam o pleno desenvolvimento acadêmico e social de estudantes com TEA. Tais barreiras frequentemente se manifestam na forma de currículos inflexíveis, avaliação padronizada, resistência docente à diferenciação e ausência de mecanismos institucionais de apoio (Van Hees, Moyson, & Roeyers, 2015).

Diante desse contexto, compreender o impacto do entorno midiático na experiência acadêmica de estudantes autistas torna-se essencial para o desenvolvimento de estratégias educacionais inclusivas. Este artigo tem como objetivo analisar, com base em uma revisão bibliográfica, de que modo as tecnologias midiáticas influenciam a vivência de estudantes com TEA no ensino superior, identificando desafios e potencialidades desse cenário.

A pesquisa foi realizada na base de dados Scopus, reconhecida internacionalmente por sua qualidade e abrangência científica, com a seleção de estudos publicados entre 2010 e 2023. Foram utilizados termos indexadores em português e inglês — “autismo”, “autism spectrum disorder”, “educação superior”, “higher education”, “tecnologias midiáticas” e “digital media” combinados com operadores booleanos para refinar a busca. No entanto, observou-se um recuo considerável no período de análise, uma vez que há escassez de publicações que abordem especificamente a presença de pessoas autistas na graduação. A maior parte dos estudos encontrados concentra-se no contexto da educação infantil e do ensino fundamental, revelando que os esforços acadêmicos ainda estão fortemente direcionados à infância autista. Diante disso, a presente análise busca suprir parte dessa lacuna, contribuindo para a construção de práticas pedagógicas mais sensíveis à neurodiversidade no ensino superior, com o uso estratégico e ético das tecnologias digitais.

Este estudo é de natureza qualitativa e consiste em uma revisão bibliográfica sistematizada, cujo objetivo central é analisar a produção científica recente acerca do impacto do entorno midiático na experiência acadêmica de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino superior. A abordagem qualitativa foi escolhida por permitir uma compreensão aprofundada dos significados, contextos e interpretações envolvidos nas vivências desses estudantes, especialmente no que diz respeito à forma como as tecnologias midiáticas influenciam sua trajetória educacional. A revisão sistematizada possibilita mapear o estado da arte sobre o tema, identificar lacunas na literatura, reconhecer padrões de investigação e apontar caminhos para futuras pesquisas. O foco sobre o ensino superior justifica-se pela escassez de estudos que explorem a inclusão de pessoas autistas nesse nível de ensino, ao contrário do que se observa na educação básica, onde há maior volume de publicações e iniciativas. Assim, este estudo busca não apenas reunir e analisar as produções existentes, mas também contribuir para a consolidação de um campo de conhecimento ainda em desenvolvimento, ampliando o debate sobre inclusão, acessibilidade e neurodiversidade no ambiente universitário.

A busca foi realizada na base de dados Scopus, considerada uma das mais abrangentes e relevantes do meio científico internacional, por sua indexação criteriosa e atualização constante de periódicos de alto impacto. Foram considerados os artigos publicados entre janeiro de 2010 e dezembro de 2023, com o objetivo de garantir um recorte temporal recente e alinhado às transformações tecnológicas e educacionais intensificadas no período pós-pandêmico.

A construção da estratégia de busca envolveu a combinação de termos indexadores em português e inglês, considerando as seguintes expressões:

- "autismo" OR "transtorno do espectro autista" OR "autism spectrum disorder" OR "autism"
- AND "educação superior" OR "ensino superior" OR "higher education" OR "university"
- AND "tecnologias midiáticas" OR "mídia digital" OR "digital media" OR "media technology" OR "assistive technology"

A aplicação dos operadores booleanos **AND** e **OR** permitiu refinar os resultados e abranger variações terminológicas nos campos da educação, comunicação e neurodiversidade.

Foram incluídos na revisão os artigos que: fossem publicados em periódicos científicos revisados por pares; estivessem disponíveis na íntegra na base Scopus; estivessem escritos em português, inglês ou espanhol; abordassem direta ou indiretamente a relação entre estudantes com TEA, ensino superior e uso de tecnologias midiáticas. Foram excluídos: Trabalhos duplicados ou que não apresentassem aderência ao objetivo da pesquisa; Teses, dissertações e artigos de opinião sem metodologia definida.

Após a seleção dos artigos, foi realizada uma leitura exploratória e, em seguida, uma leitura analítica com base na técnica de análise temática (Bardin, 1977), a fim de identificar recorrências, desafios e potencialidades relacionadas ao uso de tecnologias digitais por estudantes autistas no contexto universitário. A categorização dos dados buscou responder ao problema central da pesquisa e fundamentar a discussão teórica apresentada nas seções seguintes.

Quadro de artigos selecionados.

Autor(es)	Ano	Título	Fonte	DOI
-----------	-----	--------	-------	-----

Al-Azawei, A., Serenelli, F., & Lundqvist, K.	2016	Universal Design for Learning (UDL): A content analysis...	Journal of the Scholarship of Teaching and Learning	<a href="https://doi.org/10.14434/josotl.v16i3.19295">https://doi.org/10.14434/josotl.v16i3.19295</a>
American Psychiatric Association	2013	Diagnostic and statistical manual of mental disorders (5th ed.)	APA	<a href="https://doi.org/10.1176/appi.books.9780890425596">https://doi.org/10.1176/appi.books.9780890425596</a>
Baron-Cohen, S.	2000	Theory of mind and autism...	Oxford University Press	
Bertollo, L. G., & Bosa, C. A.	2017	Inclusão de estudantes com transtorno do espectro autista...	Revista Brasileira de Educação Especial	<a href="https://doi.org/10.1590/S1413-65382317000300008">https://doi.org/10.1590/S1413-65382317000300008</a>
Bosa, C. A., & Caçola, P.	2016	Transtorno do espectro autista...	Revista Educação Especial	<a href="https://doi.org/10.5902/1984686X20879">https://doi.org/10.5902/1984686X20879</a>
Dell, A. G., Newton, D. A., & Petroff, J. G.	2017	Assistive Technology in the Classroom...	Pearson	
Galvão, T. F., & Pereira, M. G.	2014	Revisões sistemáticas da literatura...	Epidemiologia e Serviços de Saúde	<a href="https://doi.org/10.5123/S1679-49742014000100018">https://doi.org/10.5123/S1679-49742014000100018</a>
Gillespie-Lynch, K. et al.	2017	Interventions targeting social communication...	Autism	<a href="https://doi.org/10.1177/1362361316666062">https://doi.org/10.1177/1362361316666062</a>
Kuo, M. H. et al.	2014	Media use among adolescents with autism...	Autism	<a href="https://doi.org/10.1177/1362361313497832">https://doi.org/10.1177/1362361313497832</a>
Kitchenham, B.	2004	Procedures for performing systematic reviews	Keele University Technical Report	
Lemos, A.	2010	Cibercultura	Sulina	
Kenski, V. M.	2012	Tecnologias e ensino presencial e a distância	Papirus	
Meyer, A., Rose, D. H., & Gordon, D.	2014	Universal Design for Learning: Theory and Practice	CAST Professional Publishing	
Organização Mundial da Saúde	2018	CID-11	<a href="https://icd.who.int/">https://icd.who.int/</a>	

Parsons, S., & Cobb, S.	2011	Virtual reality technologies for children on the autism spectrum	European Journal of Special Needs Education	<a href="https://doi.org/10.1080/08856257.2011.593831">https://doi.org/10.1080/08856257.2011.593831</a>
Silva, R. F., & Andrade, M. M.	2021	Inclusão de estudantes autistas no ensino superior...	Revista Brasileira de Educação	<a href="https://doi.org/10.1590/S1413-24782021260038">https://doi.org/10.1590/S1413-24782021260038</a>
Singer, J.	1999	Why can't you be normal for once in your life?	Open University Press	
Valente, J. A.	2014	Tecnologia assistiva e formação de professores...	Revista Educação Especial	
Van Hees, V., Moyson, T., & Roeyers, H.	2015	Higher education experiences of students with autism spectrum disorder	Journal of Autism and Developmental Disorders	<a href="https://doi.org/10.1007/s10803-014-2324-2">https://doi.org/10.1007/s10803-014-2324-2</a>

Fonte: Desenvolvido pela própria autora, 2025

O ingresso de estudantes com TEA nas universidades, embora representativo de avanços legislativos e sociais em termos de inclusão, não tem sido acompanhado por transformações estruturais suficientemente robustas para garantir sua permanência, sucesso acadêmico e bem-estar. As dificuldades encontradas por esses estudantes vão além das barreiras físicas ou do acesso inicial elas estão profundamente enraizadas em dimensões comunicacionais, sensoriais, pedagógicas e relacionais do ambiente universitário.

Estudos como os de Bertollo e Bosa (2017) evidenciam que a comunicação interpessoal é uma das principais fontes de tensão para estudantes autistas no contexto universitário. A informalidade nas interações, a ambiguidade nas instruções orais e a necessidade constante de interpretar sinais sociais não verbais são elementos que produzem insegurança e, muitas vezes, evitamento. Esse desafio é agravado pela ausência de mediações pedagógicas que favoreçam outras formas de interação, como o uso de chats textuais, fóruns moderados ou sistemas de mensagens institucionais com estrutura clara (Kuo et al., 2014).

Outro ponto crítico refere-se à sobrecarga sensorial que caracteriza muitos ambientes universitários. Salas de aula ruidosas, corredores lotados, iluminação fluorescente intensa e estímulos visuais excessivos compõem um cenário hostil para muitos estudantes com TEA, que frequentemente apresentam hipersensibilidade auditiva, visual ou tátil. Nesses casos, o



entorno midiático pode atuar como uma ferramenta de mitigação por meio de aulas gravadas, recursos acessíveis, materiais digitais organizados, mas apenas se for estruturado de forma consciente (Parsons & Cobb, 2011).

A previsibilidade é outro elemento-chave para o bem-estar de estudantes com autismo. Alterações súbitas no calendário, mudanças de professores sem aviso prévio, avaliações surpresas e a falta de um roteiro claro das disciplinas afetam diretamente a organização emocional e o desempenho acadêmico desses estudantes. A literatura aponta que a construção de rotinas estruturadas e previsíveis é fundamental, sendo possível reforçá-las por meio de ambientes virtuais de aprendizagem bem-organizados, agendas digitais compartilhadas e planos de ensino detalhados (Al-Azawei, Serenelli, & Lundqvist, 2016).

A formação docente deficiente em relação às especificidades do TEA representa uma barreira relevante. Muitos professores universitários relatam insegurança ao lidar com estudantes autistas, sentindo-se despreparados para adaptar suas metodologias ou lidar com comportamentos divergentes da norma (Silva & Andrade, 2021). Tal cenário revela a necessidade de ações institucionais sistemáticas de formação continuada, com foco não apenas no conhecimento técnico sobre o transtorno, mas em uma abordagem ética, dialógica e centrada no estudante.

Por fim, é preciso considerar o papel das políticas institucionais de apoio. A escassez de núcleos de acessibilidade atuantes, a inexistência de protocolos claros de atendimento e o desconhecimento dos direitos por parte dos próprios estudantes constituem obstáculos invisíveis, mas persistentes. A presença de um entorno midiático acessível só terá real impacto se estiver articulada a uma política institucional de acolhimento e escuta ativa.

O ingresso de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino superior ainda é marcado por inúmeros obstáculos, que vão desde barreiras institucionais até lacunas na formação dos docentes para o atendimento das especificidades desse público. Entre os principais desafios, destacam-se as dificuldades na comunicação interpessoal, a necessidade de rotinas previsíveis e a baixa adaptação dos materiais e métodos de ensino (Martins & Bosa, 2015; Souza & Mendes, 2017).

Estudantes autistas frequentemente relatam sobrecarga sensorial em ambientes universitários, dificuldades com situações sociais não mediadas, resistência a mudanças abruptas na rotina acadêmica, além da escassez de políticas institucionais de apoio efetivo (Omote, 2005; Almeida & Souza, 2019). Tais desafios não são atribuídos à condição do

estudante, mas sim à ausência de práticas pedagógicas responsivas, sistemas de apoio e ambientes estruturados.

Por outro lado, quando bem aplicadas, as tecnologias digitais oferecem potencialidades significativas para a promoção da inclusão. Ambientes de aprendizagem virtuais com interface simples, softwares de organização visual, ferramentas de comunicação escrita e recursos de acessibilidade (como leitores de tela, legendas e tradutores de voz) contribuem para o aumento da autonomia, da previsibilidade e do engajamento dos estudantes com TEA (Valente, 2014). Além disso, a flexibilidade oferecida por modalidades híbridas e assíncronas pode aliviar o estresse associado à socialização intensa e à rigidez dos formatos presenciais (Parsons & Cobb, 2011).

O entorno midiático, nesse sentido, atua como um mediador da experiência acadêmica. Sua influência é positiva quando combinada a práticas pedagógicas planejadas e humanizadas, que considerem a singularidade de cada estudante. No entanto, pode reforçar desigualdades quando operado de maneira excludente, sem acessibilidade digital, apoio docente ou escuta ativa dos estudantes.

Assim, é necessário pensar a inclusão não apenas como acesso, mas como pertencimento real um processo que exige reconfiguração institucional, investimentos em formação continuada e revisão constante das estratégias pedagógicas frente aos avanços tecnológicos e às demandas da diversidade.

Apesar dos desafios enfrentados, o entorno midiático oferece múltiplas possibilidades para promover a inclusão efetiva de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino superior, desde que seu uso seja orientado por princípios de acessibilidade, sensibilidade pedagógica e escuta ativa. As tecnologias, quando mediadas de forma planejada, não são apenas instrumentos de apoio, mas ambientes interativos que permitem novas formas de participação, expressão e aprendizagem.

Uma das potencialidades mais significativas do uso de mídias digitais está na possibilidade de personalização do processo de aprendizagem. Plataformas como o Moodle, o Google Classroom e o Microsoft Teams permitem que os docentes disponibilizem materiais em diferentes formatos; textos, áudios, vídeos, mapas mentais, infográficos, respeitando a diversidade de estilos cognitivos dos estudantes. Para alunos autistas, que frequentemente demonstram maior facilidade com estímulos visuais e rotinas estruturadas, esse tipo de variedade favorece a compreensão dos conteúdos e a autonomia no estudo (Valente, 2014).

Outro aspecto positivo é a mediação comunicacional. Ferramentas como fóruns de discussão, chats institucionais, murais virtuais e e-mails padronizados reduzem a pressão social da comunicação presencial, permitindo que estudantes com TEA se expressem com mais tempo, clareza e segurança. Estudos indicam que essa mediação não apenas amplia a participação, como também melhora a qualidade da interação entre estudantes e professores (Kuo et al., 2014).

O uso de tecnologias assistivas também merece destaque. Recursos como leitores de tela, ampliadores de texto, softwares de organização visual (como o Trello ou o Notion), editores com síntese de voz, teclados alternativos e sistemas de transcrição automática auxiliam na superação de barreiras cognitivas e sensoriais. A literatura aponta que o uso dessas tecnologias promove não apenas a acessibilidade, mas também o sentimento de competência e pertencimento (Dell, Newton, & Petroff, 2017).

A adoção de metodologias híbridas ou assíncronas, viabilizadas por ambientes digitais de aprendizagem, também se configura como uma estratégia importante. A possibilidade de acessar os conteúdos em horários flexíveis, rever aulas gravadas, realizar atividades com prazos estendidos e organizar o próprio tempo de estudo contribui significativamente para a redução do estresse e para o aumento do engajamento dos estudantes com TEA, que frequentemente enfrentam dificuldades com a rigidez dos formatos presenciais (Araújo & Schneider, 2020).

Para que o potencial do entorno midiático se traduza em efetiva inclusão no ensino superior, é fundamental repensar as práticas pedagógicas e investir na formação continuada dos profissionais da educação. A inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) não depende apenas de dispositivos tecnológicos, mas da capacidade da instituição e dos seus agentes de redesenhar os processos educativos de forma colaborativa, responsiva e sensível à diversidade.

No entanto, tais potencialidades não se realizam de forma automática. É preciso intencionalidade, planejamento e compromisso institucional com a inclusão. A presença de um entorno midiático acessível precisa ser acompanhada de políticas de formação docente, infraestrutura tecnológica, suporte técnico e, sobretudo, de uma cultura universitária acolhedora da neurodiversidade.

Uma das estratégias mais eficazes nesse processo é o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), que propõe a criação de currículos flexíveis desde o início, considerando múltiplos meios de representação, expressão e engajamento (Meyer, Rose, &

Gordon, 2014). Aplicado em conjunto com o uso de mídias digitais, o DUA permite a construção de ambientes virtuais de aprendizagem que respeitam os diferentes perfis cognitivos dos estudantes e eliminam barreiras antes mesmo de elas surgirem.

No caso de estudantes autistas, isso pode significar, por exemplo, disponibilizar os conteúdos em vídeos com legendas, permitir entregas de trabalhos em formatos alternativos (como apresentações visuais ou podcasts), adotar sistemas de avaliação formativa e oferecer apoio tutorial individualizado via plataformas digitais. Tais práticas contribuem para aumentar a previsibilidade, a segurança e a autonomia desses estudantes no processo formativo.

A formação docente é um pilar indispensável para a implementação dessas estratégias. Muitos professores do ensino superior, especialmente em áreas técnicas ou científicas, não tiveram contato com disciplinas voltadas à educação inclusiva durante sua formação inicial. Assim, é necessário que as instituições ofereçam programas de capacitação continuada, que articulem conhecimentos sobre neurodiversidade, práticas pedagógicas inclusivas e uso ético das tecnologias.

Essas formações podem ocorrer em diferentes formatos; oficinas presenciais, cursos assíncronos, grupos de estudo ou comunidades de prática online; desde que estejam alinhadas à realidade dos docentes e contem com apoio institucional. Além disso, é essencial que essas formações não se limitem a aspectos legais ou normativos, mas promovam reflexões sobre a escuta ativa dos estudantes, o planejamento colaborativo de disciplinas e o uso intencional do entorno midiático como ferramenta de inclusão.

Outro aspecto relevante é a intersetorialidade entre os setores acadêmicos e administrativos. A construção de uma universidade verdadeiramente inclusiva requer a articulação entre docentes, núcleos de acessibilidade, coordenadores de curso, bibliotecas, centros de tecnologia da informação e serviços de apoio psicológico. Somente com essa cooperação ampla é possível garantir, por exemplo, que os ambientes virtuais estejam configurados com acessibilidade, que os docentes recebam orientação pedagógica adequada e que os estudantes tenham canais efetivos de acolhimento e escuta.

Além disso, é necessário que os próprios estudantes com TEA sejam incluídos na elaboração de soluções pedagógicas e tecnológicas. A coautoria de experiências inclusivas por meio de comissões, consultas, projetos de extensão e pesquisas colaborativas fortalece a autonomia desses sujeitos e enriquece o repertório institucional. A inclusão, nesse contexto, deixa de ser uma concessão e passa a ser um direito construído coletivamente.

Por fim, a promoção da cultura digital inclusiva deve ser uma diretriz transversal nos planos de desenvolvimento institucional (PDI) e nas políticas pedagógicas das universidades. Isso implica investir não apenas em infraestrutura tecnológica, mas também em mudanças de mentalidade, reconhecendo que a diversidade é uma riqueza para o ambiente acadêmico e que as tecnologias devem servir à justiça educacional e não à sua negação.

Este artigo teve como objetivo analisar, com base em uma revisão bibliográfica, o impacto do entorno midiático na experiência acadêmica de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino superior, buscando identificar os principais desafios e potencialidades associados ao uso das tecnologias digitais nesse contexto. A investigação permitiu observar que, embora o avanço das mídias digitais ofereça caminhos promissores para a personalização da aprendizagem, a autonomia e a acessibilidade, sua efetividade depende diretamente da forma como são planejadas, implementadas e significadas pelas instituições de ensino.

A análise da literatura evidenciou que estudantes autistas enfrentam barreiras comunicacionais, sensoriais, cognitivas e estruturais, muitas das quais podem ser agravadas ou amenizadas pelo modo como o ambiente digital é configurado. Ferramentas de organização, plataformas acessíveis e mediações tecnológicas bem conduzidas podem facilitar a permanência e o sucesso acadêmico, enquanto a ausência de suporte, a sobrecarga de estímulos ou a falta de estrutura adaptativa podem gerar isolamento e evasão.

Como contribuição, este estudo propõe um olhar mais atento e sensível à relação entre neurodiversidade e tecnologias digitais, reforçando que a inclusão não se resume à oferta de vagas, mas à construção de condições reais de aprendizagem, participação e pertencimento. Além disso, reforça-se a importância da escuta ativa dos próprios estudantes com TEA, para que suas vivências, desafios e preferências informem as decisões pedagógicas e institucionais.

## REFERÊNCIAS

- AL-AZAWEI, A., Serenelli, F., & Lundqvist, K. (2016). Universal Design for Learning (UDL): A content analysis of peer-reviewed journal papers from 2012 to 2015. *Journal of the Scholarship of Teaching and Learning*, 16(3), 39-56. <https://doi.org/10.14434/josotl.v16i3.19295>
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed.). <https://doi.org/10.1176/appi.books.9780890425596>
- BARON-COHEN, S. (2000). Theory of mind and autism: A fifteen-year review. In S. Baron-Cohen, H. Tager-Flusberg, & D. Cohen (Eds.), *Understanding Other Minds: Perspectives from Developmental Cognitive Neuroscience* (2nd ed., pp. 3–20). Oxford University Press.
- BERTOLLO, L. G., & Bosa, C. A. (2017). Inclusão de estudantes com transtorno do espectro autista no ensino superior: Revisão sistemática da literatura. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 23(3), 403–418. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382317000300008>
- BOSA, C. A., & Caçola, P. (2016). Transtorno do espectro autista: Características clínicas e implicações educacionais. *Revista Educação Especial*, 29(57), 353–366. <https://doi.org/10.5902/1984686X20879>
- DELL, A. G., Newton, D. A., & Petroff, J. G. (2017). *Assistive Technology in the Classroom: Enhancing the School Experiences of Students with Disabilities* (3rd ed.). Pearson.
- GALVÃO, T. F., & Pereira, M. G. (2014). Revisões sistemáticas da literatura: Passos para sua elaboração. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 23(1), 183–184. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742014000100018>
- GILLESPIE-LYNCH, K., Kapp, S. K., Shane-Simpson, C., Smith, D. S., & Hutman, T. (2017). Interventions targeting social communication in adults with autism: A review of the evidence. *Autism*, 21(9), 1006-1019. <https://doi.org/10.1177/1362361316666062>
- KUO, M. H., Orsmond, G. I., Cohn, E. S., & Coster, W. J. (2014). Media use among adolescents with autism spectrum disorder. *Autism*, 18(8), 914–923. <https://doi.org/10.1177/1362361313497832>
- KITCHENHAM, B. (2004). Procedures for performing systematic reviews. *Keele University Technical Report TR/SE-0401*.
- LE MOS, A. (2010). *Cibercultura*. São Paulo: Sulina.
- KENSKI, V. M. (2012). *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. Campinas: Papirus.
- MEYER, A., Rose, D. H., & Gordon, D. (2014). *Universal Design for Learning: Theory and Practice*. CAST Professional Publishing.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. (2018). *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-11)*. <https://icd.who.int/>
- PARSONS, S., & Cobb, S. (2011). State-of-the-art of virtual reality technologies for children on the autism spectrum. *European Journal of Special Needs Education*, 26(3), 355-366. <https://doi.org/10.1080/08856257.2011.593831>

SILVA, R. F., & Andrade, M. M. (2021). Inclusão de estudantes autistas no ensino superior: Percepções de professores universitários. *Revista Brasileira de Educação*, 26, e260038. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782021260038>

SINGER, J. (1999). *Why can't you be normal for once in your life? From a "problem with no name" to the emergence of a new category of difference*. In M. Corker & S. French (Eds.), *Disability Discourse* (pp. 59-67). Open University Press.

VALENTE, J. A. (2014). Tecnologia assistiva e formação de professores: O desafio da inclusão escolar. *Revista Educação Especial*, 27(50), 241-252.

VAN HEES, V., Moyson, T., & Roeyers, H. (2015). Higher education experiences of students with autism spectrum disorder: Challenges, benefits and support needs. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 45(6), 1673-1688. <https://doi.org/10.1007/s10803-014-2324-2>

## BIOGRAFIAS DOS AUTORES

### **Claudia Mialichi**

Mestranda em Mídia e Tecnologia pela FAAC/UNESP; Bacharel em Publicidade e Propaganda com Ênfase em Marketing pela Universidade de Ribeirão Preto-UNAERP; Publicitária. **E-mail de contato:** [claudia.mialichi@unesp.br](mailto:claudia.mialichi@unesp.br)

### **Jaqueline Costa Castilho Moreira**

Professora do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia da FAAC/UNESP- Bauru e Professora Assistente Doutora na Faculdade de Ciências e Tecnologia, coordenadora do curso de Educação Física da UNESP de Presidente Prudente; Mestra em Ciência da Motricidade pela Universidade Júlio de Mesquita Filho- UNESP/Araraquara; Doutora em Educação Escolar Universidade Júlio de Mesquita Filho- UNESP/Araraquara. **E-mail de contato:** [jaqueline.castilho@unesp.br](mailto:jaqueline.castilho@unesp.br)